

29 de agosto: Dia Nacional de Combate ao Fumo

Tabagismo aumenta casos de câncer de cabeça e pescoço

Estima-se que 30 em cada 100 pacientes que desenvolvem a doença sejam fumantes

O tabagismo está entre as principais causas do câncer, que segue se alastrando no país. Conforme o Instituto Nacional do Câncer (INCA), as estimativas apontam para o surgimento de 625 mil novos casos da doença, por ano, no triênio 2020/2021/2022. “O cigarro é um fator ambiental fortemente associado a diferentes tipos de câncer. Estima-se que em cada 100 pacientes que desenvolvem uma neoplasia, 30 são fumantes. Fumar não é só um hábito nocivo para o próprio fumante, mas representa um grave risco para a saúde coletiva”, alerta a assessora em Genômica e Genética do laboratório Lustosa, Fernanda Soardi.

Entre os cânceres provocados pelo cigarro, o de pulmão é o mais conhecido, sendo o tabagismo responsável por cerca de 90% dos casos da doença. Fernanda Soardi ressalta, no entanto, que os cânceres de cabeça e pescoço também são bastante impactados pelo fumo.

Esse é um dos temas trazidos à pauta no Dia Nacional de Combate ao Fumo, celebrado em 29 de agosto. “A data é muito importante. Esclarecer e mobilizar a população sobre os efeitos e consequências que o hábito do tabagismo pode causar à saúde da pessoa que fuma e da sua família propiciam um maior conhecimento sobre o assunto e podem auxiliar na escolha de permanecer fumante ou não”, pondera Fernanda.

A data serve também para reforçar as ações e debater as políticas públicas para o combate ao fumo. “No Brasil já existe uma vigilância sobre dados e números do tabagismo, realizado pelo Observatório da Política Nacional de Controle do Tabaco vinculado ao INCA. É um avanço no enfrentamento ao Tabagismo”, acrescenta.

Diagnóstico tardio

Os casos de câncer de cabeça e pescoço, pelo menos em sua grande maioria, só são descobertos em estágios avançados, mesmo com sinais visíveis e palpáveis. “Essa identificação tardia limita e dificulta o tratamento e, muitas vezes, eleva o risco de mutilação e de mortalidade. Por isso, é preciso ficar atento a qualquer alteração nessa região do corpo, ainda mais se houver histórico familiar”, esclarece a assessora do Lustosa.

De acordo com Fernanda Soardi, esses tipos de neoplasias englobam os tumores que se manifestam na cavidade oral (lábios, língua, assoalho da boca e palato), glândulas salivares, faringe, laringe, fossas nasais, seios paranasais e tireoide. São mais frequentes

após os 40 anos. Os tumores da cavidade oral são mais comuns entre os homens, enquanto, entre as mulheres, a incidência maior é o da tireoide.

Além do tabagismo, Fernanda afirma que outros fatores contribuem para a incidência dessas neoplasias na região da cabeça e pescoço, como abuso de álcool, exposição a produtos tóxicos e radiação, além da infecção pelo papilomavírus humano (HPV), transmitido sexualmente.

“Existem ainda outros fatores de risco. São os casos, por exemplo, de problemas de saúde bucal não resolvidos, como próteses dentárias mal adaptadas, além da falta de cuidado com a higiene bucal. Por isso, é tão importante o cuidado diário com a boca e os dentes”, complementa, ressaltando que fatores genéticos também podem estar associados aos riscos de câncer.

Sinais palpáveis

Segundo a especialista, os sinais dos cânceres de cabeça e pescoço são até palpáveis, mas muitas vezes passam despercebidos. Isso porque, explica, são comuns a diversas condições clínicas, e apresentá-los não significa, necessariamente, que exista um tumor. Ela destaca, no entanto, que as pessoas devem ficar atentas.

“Esses sinais variam de acordo com a região afetada, mas podem ser observadas manchas (brancas ou avermelhadas) na cavidade oral, feridas que não cicatrizam na cavidade oral, alteração na voz ou rouquidão persistente (por mais de 15 dias), dor de garganta ou tosse persistentes, dor ou dificuldade para engolir ou respirar, dor de ouvido, dor de cabeça persistente, nódulo no pescoço palpável, entre outros sintomas”, exemplifica.

Caso a pessoa apresente algum desses sinais, a especialista afirma que não há motivo para desespero e recomenda procurar um médico especialista ou o dentista durante o acompanhamento odontológico de rotina. Isso para que haja uma avaliação adequada sobre os sintomas e para que sejam adotadas medidas para afastar a possibilidade de um câncer ou de evitar um diagnóstico tardio.

“Os procedimentos a serem realizados para verificar se há algum tipo de tumor irão variar de acordo com a região alterada e os sintomas observados. Podem ser necessários exames laboratoriais, de imagem, biópsia e exames genéticos, como por exemplo, o painel multigênico para a predisposição hereditária ao câncer. Esses procedimentos devem ser feitos por profissionais especializados e auxiliarão no diagnóstico”, orienta.